LEITURAS COMPARTILHADAS

REVISTA DE (IN) FORMAÇÃO PARA AGENTES DE LEITURA | ANO 4 | FASCÍCULO ESPECIAL 1 | WWW.LEIABRASIL.ORG.BR | LEIABR@LEIABRASIL.ORG.BR |DISTRIBUIÇÃO DIRIGIDA

JUVENTUDE & VIOLÊNCIA

ISSN 1677-387X

"NÃO PODE TER NOME
SÓ PODE LETRA
NÃO PODE TER OLHOS
SÓ TARJA PRETA"
(*BATALHA NAVAL* - BIANCA RAMONEDA E PEDRO LUÍS)

Programa de Leitura da Petrobras/Rpbc

PROGRAMA DE LEITURA PETROBRAS Bacia de Campos

PROGRAMA DE LEITURA PETROBRAS RPBC

Leia Brasil
ONG DE PROMOÇÃO DA LEITURA

O VÔO DA MORTE

Regida por uma ordem maior no universo - a lei do mais forte - a violência da humanidade contra as crianças é tão antiga que, no final do século XX, período que acreditamos ser o apogeu das conquistas sociais, foram criados códigos específicos para evitar e punir esse comportamento.

Conta-se que os fenícios sacrificavam suas crianças em cerimônias religiosas, os espartanos eliminavam os fracos atirando-os ao precipício e Herodes foi nomeado por César para expurgar as crianças de Jerusalém. A Quinta Cruzada, em 1212, enviou 50 mil crianças ao encontro da morte nas lâminas dos mouros.

Crianças escravizadas, submetidas a trabalhos cruéis como mineração de carvão e corte de cana-de-açúcar ou atoladas na captura de caranguejos, povoam as épocas em relatos históricos e literários. O que poderia ser mais bizarro do que crianças mutiladas para serem vendidas como bufões às cortes, como narra Victor Hugo em **O homem que ri**.

Mas, como tudo que diz respeito à espécie humana, a violência contra os jovens se sofisticou. A informática, por exemplo, permitiu o crescimento exponencial da pedofilia. A miséria, as guerras e as novas doenças já marcam os desesperançados no útero. De outro lado, a química, a industrialização e a tecnologia criam legiões de obesos, confinados e neuróticos.

Brinquedos violentos, filmes idem, trânsito mortal, opressão familiar, pit-boys, surras domésticas, orfandade, abandono, desassistência... Quantas palavras remetem à violência na juventude?

No nosso entender, a crueldade tem requintes. Nada se compara à utilização de crianças para a prática do crime. Meninas se prostituindo de um lado - muitas vezes incentivadas pela própria família - e meninos entregando drogas de outro, como títeres da desmedida do homem.

São chamados "aviões", porque transportam o que não lhes pertence sob o comando de outros.

Esse é um estado intermediário, muitas vezes enlevado pela aventura de uma infância marcada para a tragédia.

Chamamos você para uma reflexão sobre esses teleguiados, antes que você pense nas outras milhares de formas de violência presentes na juventude.

EXPEDIENTE

Editor: Jason Prado
Subeditora: Ana Claudia Maia
Direção de arte e produção gráfica: Pedro Fraga
Revisão: Sueli Rocha
Tiragem: 1.800 exemplares

Leia Brasil - Organização Não Governamental de Promoção da Leitura

Praia do Flamengo, 100/902 - Flamengo
Rio de Janeiro CEP. 22210-030
Tel/Fax: (21) 22245-7108
leiabr@leiabrasil.org.br
www.leiabrasil.org.br

Leituras Compartilhadas é uma publicação do Leia Brasil distribuída gratuitamente às escolas conveniadas.

Todos os direitos foram cedidos pelos autores para os fins aqui descritos. Quaisquer reproduções (parciais ou integrais) deverão ser autorizadas previamente.
Os artigos assinados refletem o pensamento de seus autores.

Leia Brasil e Leituras Compartilhadas são marcas registradas

Impresso na Ediouro Gráfica e Editora S.A

"PIÁ NÃ

MARIA APARECIDA RIBEIRO

Muitas vezes, a realidade supera a ficção nos detalhes sórdidos. A violência doméstica não escolhe cor, idade ou classe social. Grande parte das vítimas são crianças e adolescentes expostos a todo tipo de maus-tratos. A escola tem recebido esse crescente grupo de torturados, muitas vezes, sem se dar conta. Por vezes, o mapa das agressões vem desenhado nos pequenos corpos das vítimas, é só ter olhos para ver: são arranhões, hematomas, um braço torcido, uma costela quebrada, geralmente justificados (todos, indistintamente) por "quedas". Para uma espetada com garfo, para uma queimadura com ponta de cigarro, para um soco no olho, a explicação é a mesma: "eu caí".

Em outros casos, as pistas são mais sutis: são crianças que, de um modo geral, não confiam nos adultos, temem qualquer contato físico ou, simplesmente, não querem voltar para casa. As bem pequenas, com idade inferior a cinco anos, "grudam" na professora, quando o pai ou mãe agressor/a vem buscá-las.

Andréa Federici, psicopedagoga, atuando nas redes pública e particular de ensino do município de Niterói, lembra ainda outros pequenos pedidos de socorro emitidos pela criança violentada: em grupo, manifesta uma atitude retraída, um quadro depres-sivo de alheamento e apatia; ou é extremamente agressiva com os colegas; seus desenhos contam histórias de violência e maus-tratos;

O SOFRE, SOFRE"*

sua letra é pequena ou grande demais, trêmula; muitas vezes, risca o papel com força e não consegue produzir nada (?). A alimentação pode igualmente manifestar um distúrbio, comendo com exagero ou perdendo totalmente o apetite.

Assim como no caso dos sintomas, as formas de violência também são diferenciadas. E a questão passa pelo social, pelo econômico, pelo cultural. A psicopedagoga sinaliza para o fato de que, nas classes economicamente favorecidas, o abandono é uma das formas mais comuns de violência. Andréia lembra o caso da menina de cinco anos que sofria quando se aproximava o término das aulas, porque sabia que sua mãe seria a última a chegar. Às vezes, horas depois que todos da escola já tinham ido embora e, no pátio deserto e já escuro, apenas o zelador lhe faria companhia. Essa criança voltou a urinar nas calças e sua expressão denunciava o sofrimento diário, todas as vezes em que a professora pedia à turma que arrumasse o material para a saída. Os pais, proeminentes em suas carreiras, eram tão violentos com a filha quanto aquele operário que, depois de um dia duro de trabalho, surrava seu filho sem maiores explicações.

Nem todas as crianças, porém, tem a "sorte" de ter como aliado um profissional que se ocupe de suas mazelas. A advogada e ex-diretora de escola pública municipal na zona oeste do Rio de Janeiro, Angela Uzeda, encontra um motivo para a omissão da escola, em muitos dos casos de violência: o medo. O pai agressor é, também, na maioria das vezes, um marido violento, um vizinho violento, podendo ou não ter envolvimento com o crime, é sempre uma ameaça à segurança de quem o denuncia.

Outro agente dificultador da ação da escola é o quadro de miséria que, muitas vezes, minimiza o grau de violência sofrido pela criança. Abandono, omissão, negligênciaÂngela cita uma criança de sua escola que baixou hospital, apresentando um quadro de inanição extremaconfundem-se com a necessidade, cada vez maior, de os pais estarem na rua ganhando o pão de cada dia. A ignorância e impotência de certos pais pode, também, gerar medidas desesperadase violentas. Magnólia R. S. Régis, pesquisadora da área de Direito e Educação, cita o caso da empregada doméstica que justificava o fato de amarrar seu filho na cama, enquanto saía para trabalhar, pelo medo de que ele se envolvesse com o tráfico. Aliás, o castigo físico como forma de educar é uma das desculpas preferidas pelos pais agressores. "É melhor apanhar do pai do que da polícia" já é quase um provérbio. E parece que certos pais apressam-se em acompanhar os requintes de crueldade com que uma parte da polícia tem lidado com a questão da "disciplina".

Os mecanismos legais de que dispõem as escolas incluem um Conselho Tutelar que, por atender a uma vasta região, é claro, gera uma burocracia que, muitas vezes, aumenta em muito o tempo em que a criança fica exposta à situação de maus-tratos. A orientação, porém, é de que, uma vez constatada a violência, o Conselho seja acionado, antes mesmo de se explicitar o caso aos pais, para que, alertado, o agressor não "mascare" a situação. O que não ocorre comu-mente, já que, por uma questão humana, os educadores sensibilizados pelo sofrimento das pequenas vítimas querem resolver o quanto antes a situação. A criança de nove anos que apanha diariamente com uma vara, a de sete que assiste as relações sexuais de seus pais (por morarem todos num mesmo quarto ou não), a de dezesseis que nunca teve registro de nascimento, a de cinco que é incentivada a namorar (com todas as práticas atualmente aceitas para o namoro), a de nove infestada de piolho, sarna, "bicho-de-pé"essas crianças não podem esperar. Enquanto se discute a quem competem as providências legais quanto à violência doméstica, piá sofre.

NOTAS

* Antológico conto de Mário de Andrade sobre a violência contra a criança.

MARIA APARECIDA SILVA RIBEIRO é professora e pesquisadora de Língua, Literatura e Cultura Brasileira. Doutora em Letras pela PUC/RJ, dá aulas na Facudlade de Comunicação Social da Universidade Estácio de Sá.

Publicado originalmente em **Leituras Compartilhadas 2 - Violência nas escolas**

DA CAPOEIRA AO

AFFONSO ROMANO DE SANT´ANNA

Eu havia pedido ao caseiro que ficasse de olho num bichinho chamado "serrador", que estava cortando os galhos das mimosas. Daí a uns dias mostrou-me uma lata com vários deles dentro, e comentou:

"Olha como eles se matam uns aos outros".

De fato. Como pequenos escaravelhos eles se atracavam e cortavam as pernas, as antenas, as cabeças uns dos outros. Era um combate mortal. Não havendo galho de mimosa a cortar, cortavam pernas, antenas e o ventre do adversário.

Minha mulher estava lendo os jornais e entre muitos horrores estampados, um deles obrigou-a a interromper a leitura que eu fazia de um livro. Perturbada, narrou-me o que era o "mortal combat" nos bailes funks do Rio.

Eu antes havia visto o título da notícia, e achando que já tinha tomado as doses diárias de fel nas funestas informações, não quis ler a reportagem. É um compreensível sentimento de auto-defesa.

Em síntese: mais de cem jovens já morreram este ano, nos "mortal combat" realizados nos bailes funks. Vinte, só no Country Club de Jacarepaguá. São 250 mil jovens dançando e se agredindo em cada fim de semana na cidade. Nos salões, dividem-se em "galera A" e "galera B", separadas por um corredor de dois metros chamado de "corredor da morte", e quando os Djs, que comandam as músicas, ordenam que 2.500 jovens de cada lado se preparem e se atraquem, começa a pancadaria ao som de refrões assim: "*Seqüestra daqui / seqüestra de lá / matem os alemãs / que o bicho vai pegar*".

Os seguranças estão lá. Estão para garantir que ninguém atrapalhe o espetáculo. A polícia militar também está lá. Vai, pega o dinheiro e se manda. Os enfermeiros também estão lá. Há enfermeiras de cada lado do palco. E quando alguém morre há um serviço de táxi para levar o corpo para um hospital qualquer, como se a morte tivesse sido um acidente inexplicável.

Quando minha mulher me leu essas coisas eu estava no século XIX. Estava lá instalado, lendo Gilberto Freyre em seu **Sobrados e Mocambos**. Aquela espantosa reportagem, contudo, não conseguiu me trazer para o século XX. Apenas me obrigou a constatar que o século XIX ainda não terminou por aqui. É que quando os músicos relatavam o combate mortal dos bailes funks, o antropólogo pernambucano, com seu aliciante estilo e utilizando como objetos de estudo os jornais antigos do país, me descrevia a atuação dos capoeiras, que no Rio, dividiam a cidade em campos de batalha, ritualizando a violência, até mesmo durante as procissões. Diz ele: "*Às vezes havia negro navalhado; muleque com os intestinos de fora que uma rede branca vinha buscar (as redes vermelhas eram para os feridos; as brancas para os mortos). Porque as procissões com banda de música tornaram-se o ponto de encontro dos capoeiras, curioso tipo de negro ou mulato de cidade, correspondendo ao dos capangas ou cabras dos engenhos. O forte do capoeira era a navalha ou a faca de ponta; sua gabolice, a do pixaim penteado em trunfa, a da sandália na ponta do pé quase de dançarino e a do modo desengonçado de andar. A capoeiragem incluía, além disso, uma série de passos difíceis e de agilidades quase incríveis de corpo, nas quais o malandro de rua se iniciava como que maçonicamente*".

Estamos ou não estamos no século XIX?

MORTAL KOMBAT

O ritual da violência entre nós é semelhantemente antigo. Por isto, ao mesmo tempo em que sugiro aos professores de História e Literatura que façam um paralelo disto com as cenas de capoeiragem em **O cortiço**, de Aluísio Azevedo, arrolo agora o que diz Câmara Cascudo: "*Nos primeiros anos do covil republicano no Brasil, o chefe de polícia do Rio de Janeiro, Sampaio Ferraz, enfrentou a capoeiragem numa guerra de morte. Os capoeiras dividiam-se em dois grandes grupos, guaiamus e nagôs, protegidos e utilizados por muitos políticos como elementos de intimidação dos inimigos. A luta durou o ano de 1890, e Sampaio Ferraz, surdo a ameaças e pedidos, prendeu capoeiras ricos e pobres, brancos e pretos, filhos de quitandeiras e de almirantes, acabando com a instituição temível*".

Onde está o Sampaio Ferraz de hoje?

Será que um Sampaio Ferraz pode acabar de vez com a ritualística pulsão de morte, que faz com que os homens se organizem em "gangues", "galeras" e exércitos, e saiam se aniquilando sádica e masoquisticamente?

Seria esse estúpido espetáculo uma reedição do circo romano, onde ora jogavam os cristãos às lanças, redes e machados dos gladiadores, ora os lançavam para serem despedaçados pelas feras, ou quando gente viva não havia, punham tigres e elefantes a se sangrarem ante o aplauso histérico da população?

Leio que em Brasília, para exercitar ou esvair a violência organizaram uma série de esportes noturnos, para que os jovens gastem sua energia ludicamente. Há quem pense em aplicar isso ao Rio e outras cidades.

É uma boa solução. Sempre houve uma relação estrutural entre a guerra e o esporte, a festa e a guerra. Outra solução seria, como o fez o meu caseiro, colocar todos os insetos violentos dentro de uma lata e deixar que eles se entredevorem de vez. Temo, no entanto, que a lata teria que ser muito grande e talvez não sobrasse ninguém para contar história.

AFFONSO ROMANO DE SANT´ANNA é poeta, crítico e cronista. Entre suas obras estão **Que fazer de Ezra Pound** e **Textamentos**.

Publicado originalmente em **Leituras Compartilhadas 1 - Da capoeira ao Mortal Kombat**

Vale assistir:

Aos treze (Thirteen). De Catherine Hardwicke , EUA/Inglaterra, 2003. Menina se envolve com drogas e sexo a procura de popularidade entre os colegas.

Elefante (Elephant). De Gus Van Sant, EUA, 2003. O filme mostra um grupo de adolescentes em um dia comum numa escola americana. Para cada um dos estudantes, a escola secundária tem significados diferentes: estimulante, agradável, solitária, difícil. Até que um fato extremamente violento acontece.

Fanny e Alexander (Fanny och Alexander). De Ingmar Bergman, Alemanha/França/Suécia, 1982. Criados em meio ao rígido puritanismo luterano do padrasto, dois irmãos descobrem um mundo mágico e surpreendente na casa da avó, uma atriz abastada e sem preconceitos.

Laranja Mecânica (Clockwork orange). De Stanley Kubrick, Inglaterra, 1971. Em uma desolada e opressora Inglaterra do futuro, a violência das gangues juvenis impera, provocando um clima de terror.

Má educação (La mala educación). Pedro Almodóvar, Espanha, 2004. O diretor toca em temas delicados como homossexualismo na infância e pedofilia.

Ônibus 174. De José Padilha, Brasil, 2004. Documentário sobre o seqüestro de um ônibus por um ex-menino de rua que terminou em tragédia no Rio de Janeiro

Os incompreendidos (Les quatre cents coups). De François Truffaut, França, 1959. Antoine Doinel, alter-ego de Truffaut, é um menino com problemas em casa e atormentado na escola por um professor insensível que procura ficar bem longe desses lugares.

Sobre meninos e lobos (Mystic River). De Clint Eastwood, EUA, 2003. A violência sofrida por um menino ainda traz conseqüências para ele e seus amigos 25 anos depois.

Tiros em Columbine (Bowling for Columbine). De Michael Moore, EUA, 2002. O filme explora os motivos pelos quais os americanos têm tanto fascínio por armas de fogo tomando como ponto de partida o assassinato em massa cometido por dois adolescentes em uma escola de Columbine.

A VIOLÊNCIA DA PENÚRIA

CHICO ALENCAR

Quando menino, olhava as professoras com encanto e admiração: mulheres bonitas e sábias. O coração de criança batia forte diante de Dona Elza, Dona Aimar e Dona Iracema... Depois fui aprendendo algo maise não melhor. "Magistério é sacerdócio", "vida de professor é dureza", "o trabalho, inclusive fora da sala de aula, não é reconhecido". Diante dessas afirmações, comecei a sentir uma espécie de pena das minhas professoras, tão sacrificadas. Sentimento ruim.

A vida passou e hoje, quase meio século depois, tento fazer uma síntese da profissão que, afinal, escolhi também para mim, e da qual me orgulho. O magistério perdeu o "glamour" daqueles tempos de "saudade da pro-fes-sorinha que me ensinou o be-a-bá". Vantagem: o trabalhador da educação descobriu-se como tal, explorado operário do conhecimento. Acabou aquele conto da Carochinha de ficar na profissão apenas enquanto o "príncipe encantado" não chegava. Mesmo permanecendo como ofício predominantemente feminino, o magistério transformou-se com a histórica ascensão da mulher na segunda metade desse século XX que acaba, confrontando com ternura e vigor os tradicionais pa-triarcalismo e machismo tupi-ni-quins.

Há novidades conquistadas! Vejo também com alegria que as moças estão ganhando espaço e dinamismo inteligente nas salas de aula, em geral mais curiosas e inventivas que os meninos. Que eles se cuidem: o gênero feminino tem pressa de recuperar o tempo perdido em séculos de opressão...

Nossa pedagogia também foi revolucionada. O país de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freireque, didaticamente, criam estrepolias no céuavançou muito ao repensar suas didáticas e seus sistemas de ensino, por mais que a vaga privatizante e excludente de agora tente destruir a educação pública em todos os níveis. Ensino-aprendizagem não é mais adestramento. Escola não é lugar de ouvir e repetir, mas de acolher a vida, observá-la e reinventá-la.

O que mudou para pior, certamente, foi a situação salarial. O professorado proletarizado, hoje, recebe remuneração incompatível com o que dele é exigido: conhecimento, serenidade, diálogo, criatividade. O contracheque (ou holerite, se você for paulista), é uma agressão. Todo mês o mestre, na hora (infeliz?) do pagamento, pensa em poder parar: "tanto desgaste para tudo isso?". Salário de professor já virou até bordão de quadro humorístico na televisão: "e o salário, ó...". O Fundef e outros mecanismos de valorização dos educadores ainda não repercutiram positivamente na hora-aula. Muitas vezes são criminosamente desviados.

A saída encontrada por alguns colegas é falsa e desrespeitosa. Já ouvi na Universidade: "relaxei. Sem ajuste há seis anos, trabalho pelo que me pagam...". E tome faltas, doenças "providenciais", bicos, desinteresse. Chegamos, assim, a uma perversa equação: os governos fingem que pagam, o professor engana que ensina e os alunos fazem de conta que aprendem.

Não é por aí. Apesar da violência da penúria salarial, o caminho é lutar. De muitas e diferentes maneiras: apostando na organização coletiva e sindical, para exigir remuneração digna e respeito profissional. Buscando atualização permanente, que as mudanças nas ciências são cada vez mais rápidas. E renovando nossa bela escolha: educar é libertar e libertar-se, grande aventura de descobertas, processo de huma-nização. Ganhamos mal, isto é injusto, é preciso clamar e reclamar sem parar. Mas nossos alunos não podem ser punidos por isso! Ao contrário: se, com nossa delicada vocação cidadã, continuamos sendo profissionais exem--plares, como felizmente acontece com muitos, nossos alunos estarão sempre solidários conosco em nossas reivindicações. "O professor é meu amigo/ mexeu com ele/ mexeu comigo!".

Este é o desafio, de pedagógica abnegação. E de continuada crença na profissão. Afinal, precisamos aprender com o mestre Gabriel Garcia Márquez que "*quem quer viver só no topo da montanha ainda não percebeu que a verdadeira felicidade está na forma de subir a escarpa*". Escalemos!

CHICO ALENCAR é deputado estadual (PT/RJ) e professor de História.

Publicado originalmente em **Leituras Compartilhadas 2 - Violência nas escolas**

A EXISTÊNCIA HUMANA E SUA VOCAÇÃO INFANTICIDA

JORGE ANTUNES

Artigo sobre o livro de Ézio Flávio Bazzo, **A lógica dos devassos, no circo da pedofilia e da crueldade**. Moloch Publicadora, 2004.

Domingo de carne-seca completa. Restaurante Xique-xique. Na mesa ao longe, pequenos lábios carnudos com batom carmim fascinante. Parece uma anã, linda. Mas as proporções do corpo são perfeitas. Um casal está à mesma mesa. Digo a Mariuga que vou olhar de perto… É uma menina de uns três anos de idade!

Ezio Flavio Bazzo, neste instigante livro, desmascara os transtornos pessoais e a conhecida sociopatia. Ele denuncia a cumplicidade da sociedade com os pervertidos. Nessa denúncia ele vai incluir esse problema grave exemplificado pela menininha do restaurante. "*Não é de hoje que os abutres da indústria, do comércio e do marketing voltaram suas propagandas enganosas para o mundo infantil. Influenciadas por esses marqueteiros asquerosos e por mães imaturas e histéricas, meninas de até dois anos de idade estão cada vez mais dependentes das fábricas de cosméticos, cada dia mais vaidosas, atraentes e sedutoras. Sedutoras de quem?*"

Realmente, deu-me vontade de perguntar à mãe e ao pai da mesa ao longe: - Quem vocês pretendem ver seduzido pela menininha?

Ezio Flavio Bazzo é psicólogo clínico de grande experiência e reputação. Seus ouvidos já foram atentos e pacientes receptores de lamentações de tudo aquilo que costuma ser qualificado como escória e gentalha: histéricos, pervertidos, mendigos, putas, putos, assassinos, pedófilos, sádicos, masoquistas, pederastas, proxenetas. Suas primeiras conclusões são aterradoras: todos querem se vingar de agressões sofridas na infância e a inveja é o grande mal.

Mas sua matéria de observação, estudo e análise não se resume aos esparsos problemas de aberração, alienação, perversidade ou auto-flagelação que lhe procuram no consultório. Ezio Bazzo costuma sair pelas ruas do mundo observando, furtiva ou descaradamente, as pessoas e as culturas "estranhas". Ele nos mostra que o "estranho" está por toda parte. Bazzo confessa que pretende "sugerir uma nova cara da realidade". Consegue.

A toda hora vemos na televisão declarações de vizinhos de monstros que dizem frases do tipo: "Eu nunca podia imaginar que ele fosse capaz disso!"; "Seu comportamento era normal"; "Ele sempre foi muito afetuoso e cordial!"; "Era uma mãe exemplar!" Ezio, com textos, relatos, exemplos históricos e argumentos verdadeiros, cínicos e surpreendentes, nos convence de que as civilizações sempre estiveram à beira do absurdo e do caos. A nossa civilização não escapa desse tipo de avaliação.

Às vezes Ezio Bazzo é cruelmente pessimista e faz generalizações atrevidas e indevidas. Mas nesses momentos ele nada mais é do que um literato sedutor. Nas generalizações descabidas ele deixa de ser um psicólogo clínico para ser um psicólogo cínico e isso é, simplesmente, maravilhoso. Quando aponto aspectos cínicos no autor estou, evidentemente, me referindo à sua atitude diogenesiana de quem professa uma grande descrença, e até mesmo desdém, pela humanidade. No livro Bazzo relata suas andanças por Brasília, Rio, Madri, Granada, Sevilha, Tanger, munido de sua ácida lanterna a procura de um homem: só encontra monstros.

Bazzo chega até mesmo, numa espécie de paroxismo literário, a afirmar que nossa civilização se divide em duas partes: "os bufões da ereção e o gueto militante e histeróide dos enrabados". Mas ele nunca demonstra preconceitos e aversões a opções sexuais. Pelo contrário, ele respeita a tudo e a todos. Apenas faz constatações. A sordidez e a baixeza às vezes se evidenciam em suas conclusões. Mas, o quê fazer? A realidade é assim! Ele apenas nos joga na cara essas terríveis realidades.

Em seu desprezo anarquista pela sociedade gerontocrática, que aniquila, deseduca, oprime, reprime, maltrata e abusa das crianças, ele vai desancar uma série de qualificações agressivas. Assim, vai desfilar aos olhos do leitor deste livro os mais interessantes comentários sobre nossa civilização: "babel de cínicos", "alienados crônicos", "mundo infame de filhos-das-putas", "comedores de crianças", etc.

A crueldade que o ser humano dedicou sempre às crianças, o escritor vai identificá-la como eterna na história da humanidade.

continua

A EXISTÊNCIA HUMANA E S

(continuação)

Sempre acobertado ou tolerado pela sociedade e pelo Estado, o infanticídio, com os mais diferentes matizes, vai se evidenciar por todo o tempo e por todo o espaço. "O incesto, a pedofilia e a prostituição infantil são apenas detalhes do desatino e do infanticídio generalizado que sempre marcou a história fisiológica e cretina do mundo" – afirma Ezio Bazzo em sua perfeita e completa visão panorâmica da história.

Ele nos mostra que o infanticídio generalizado não deveria surpreender a nenhum dos crápulas detentores do poder que, via de regra, surram seus filhos em casa. Para demonstrar suas afirmações, o autor nos reporta a práticas do Baixo-Império romano e até mesmo varre a hipocrisia dos livros ditos "sagrados": "*Hiel reconstruiu Jericó sobre o sacrifício de seus filhos*"; "*Jefté ofereceu a filha depois de obter uma vitória sobre os amonitas*"; "*David, para aplacar a ira de Jeová, sacrificou sete parentes de Saul*";...

Ezio nos mostra que agressões estúpidas contra crianças são praticadas ainda nos dias de hoje, sob a proteção de tradições culturais. Ele nos relembra o fato de que os antigos hebreus sacrificavam crianças no fogo e que os judeus ainda hoje praticam, e continuarão a praticar, a circuncisão.

Práticas culturais de diferentes grupos sociais acabam por desafiar a tolerância dos mais esclarecidos. No final de 2003, e certamente também no decorrer de 2004, vamos seguindo atônitos as descobertas da Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga a exploração sexual de crianças e adolescentes. Cada um dos Estados da região Norte vai sendo visitado pelos deputados da CPI. As primeiras apurações mostraram que a exploração sexual nessa área tem características próprias. Em geral os aliciadores buscam meninas de origem indígena menores de 17 anos, atendendo à demanda de turistas estrangeiros. A deputada Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM) declarou à imprensa em novembro de 2003: "*A situação se agrava porque, pela cultura indígena, as meninas podem ter vida sexual assim que atingem a puberdade*".

As culturas diferentes, que devem ser respeitadas segundo os preceitos mestiços da diversidade cultural, nos coloca em cheque, em becos sem saída. Esparta precisava de grandes guerreiros. Então, como deixar de respeitar o costume espartano de jogar na ribanceira, para a morte, seus bebês defeituosos? Respeitar essas culturas, quando elas estão longe no tempo, até que é muito fácil. Se não fosse assim, os evangélicos já teriam rasgado o Velho Testamento com suas crueldades e infanticídios. Mas quando a cultura bizarra está próxima, no tempo ou no espaço, aí então nosso amor pela diversidade cultural se revela falso e hipócrita. Em atitudes espartanas, Hitler também queria uma sociedade pura e forte, sem aleijados. Como admitir, em pleno século XXI, a infibulação e a ablação do clitóris?

Como é sabido, ainda hoje a prática é usada em alguns países da África. É tradição cultural! Os amantes da diversidade cultural e da tolerância devemos respeitar essa prática? Ela consiste na ablação parcial do clitóris e dos lábios vaginais, e sua costura. Deixa-se apenas uma pequena passagem, para tornar impossível o coito. Numa cerimônia que é bela para os muçulmanos e aterradora para os nossos hábitos civilizados, uma mulher segura a menina pelas costas, enquanto ela se debate e grita desesperadamente. Outras duas mulheres mantêm suas pernas abertas. A própria mãe da menina usa uma faca ou um caco de garrafa, para a cirurgia sem qualquer assepsia ou anestesia. Em seguida, os grandes lábios são aproximados e costurados, de forma a vedar a ferida, deixando apenas um minúsculo orifício, no qual se coloca um pedaço de bambu para impedir o fechamento total. As pernas da criança são amarradas, para evitar movimentos que impeçam a cicatrização. A seguir ela é colocada em uma esteira até que urine. Isso prova que o orifício não está totalmente bloqueado. A cerimônia faz parte da cultura de muitos países: Afeganistão, Etiópia, Somália, Djibuti, Sudão, Egito, Tanzânia, Nigéria, Iêmem, Arábia Saudita, Senegal, Iraque, Jordânia, Síria e Argélia. Com a fuga de refugiados e as imigrações, a tradição tem sido levada para a Europa e os EUA. Tem também sido trazida ao Brasil por emigrantes muçulmanos.

Infanticídio brando, seria uma forma de qualificar aquela prática cultural. Outra prática cultural-religiosa semelhante é a circuncisão, que continua a acontecer nos dias

SUA VOCAÇÃO INFANTICIDA

de hoje. Esse rito de iniciação dos meninos, que consiste em cortar o prepúcio, é um ato simbólico da castração. O ritual acontece por ordem milenar de Abraão. Quando este tinha 99 anos de idade, Deus ordenou que cortasse seu prepúcio. Veja-se que Deus não foi tão sacana com Abraão, esse personagem santificado por Judeus, Cristãos e Muçulmanos. Deus só deu a ordem corta-prepúcio a Abraão, quando este já era senil, depois de já ter feito um filho na empregadinha de sua mulher Sara, que era estéril. A empregadinha Agar, deu Ismael à luz. Aqueles que se ocupam da exegese bíblica não usam a expressão "empregadinha". Eles preferem usar a palavra "serva", porque "escrava" é palavra muito forte. Abraão circuncisou-se quando tinha 99 anos e meteu a faca no pinto de Ismael quando este tinha 13 anos. Abraão circuncisou Isaac quando este tinha oito dias de vida e, até hoje, pintinhos e mais pintinhos têm a pele cortada em cerimônias humilhantes.

É evidente que – confesso–, ao comentar dessa forma algumas passagens bíblicas, estou contagiado pela irreverência corrosiva de Ezio Flavio Bazzo. Esta é outra qualidade deste livro. Ele impregna o leitor de lucidez crítica, sendo até mesmo capaz de, através do exemplo, criar novas mentalidades sem papas na língua.

O texto de Bazzo corre solto e natural como um rio calmo, corajoso e avassalador. As porradas e os socos na cara que o texto, às vezes, nos dá, se justificam: o rio calmo, caudaloso, vai acumulando energia, o leitor se sente atraído pelo abismo e nele cai, como quem cai na realidade. Parece que tudo acontece ao correr da pena, ou ao correr ágil dos dedos no teclado. O próprio autor declara que pretendeu sempre usar o mínimo de moralismos e nada de academicismos exaustivos. Ele mesmo confessa que usa apenas um método: o vagabundo e aglomerativo. Mas, convenhamos, - discordemos de Bazzo –, o livro vem a ser uma coletânea de crônicas-papers impregnadas de uma espécie de hiper-academicismo. As hipóteses, os argumentos, as revisões bibliográficas, a metodologia, as demonstrações e as conclusões estão sempre crivadas de balas mortíferas e dilacerantes. Esses torpedos são os pés de páginas que, de momento em momento, interrompem o discurso nos trazendo ramificações e reminiscências históricas. Cada nota de rodapé é um flash-back histórico que nos dá uma alfinetada, um beliscão ou um murro no estômago.

Vejamos um exemplo desses socos no estômago. No texto principal o autor discorre sobre as noites no perímetro de Patpong, em Bangkok. Ele nos conta que quem passa por ali "tem cem por cento de chances de cair nas mãos de um taxista ou de um policial proxeneta que lhe oferecerá as mais extravagantes perversidades, entre elas sempre meninas e meninos ainda sem pentelhos". Até aí nada de novo, porque em mil outros cantos do mundo, como em Manaus e Rio Branco, cenas como essas são muito comuns. Mas Ezio Bazzo prossegue seu texto levando-nos à França do final do século XX. "Mesmo Paris, lá pelos anos 80, apesar da demagogia de Fraternité, Egalité & Liberté, mantinha na clandestinidade e no métier prostitutivo, seis ou sete mil crianças (mais meninos do que meninas)".

Ao final de sua denúncia um numerozinho sobrescrito nos faz com que, curiosos, demos uma olhada no rodapé correspondente. Então recebemos o soco memorial: *"No tão citado Banquete de Platão (que há muito tempo se transformou no livro de cabeceira até dos pederastas tupiniquins) se pode ver que o coito anal era comum entre professores e alunos (lá os professores enrabavam literalmente seus alunos), e que os gregos apreciavam em seus meninos o que apreciavam nas meninas: poucos pêlos, delicadeza e imaturidade. As crianças escravas, principalmente os meninos, tinham quase o dever de servir sexualmente aos velhos pederastas".*

O rio de palavras de Ezio avança. Às vezes o rio se mostra poluído. Mas a poluição do rio vem sendo produzida pelo próprio ser humano comedor de criancinhas cuja história Bazzo nos conta. O leitor se sente cada vez mais atraído pela imensidão que promete, a cada momento, novas paisagens e descobertas. A palavra flui, dá solavancos, encontra rochas duras no caminho, adivinhando ribanceiras, cascatas, quedas, calmarias, verdades e vergonhas que a intelectualidade em particular e a humanidade em geral, envergonhadas, em geral tentam esconder.

continua

A EXISTÊNCIA HUMANA E S

(continuação)

O homem, das mais diversas sociedades, épocas e civilizações, de que Ezio fala, é intelecto, inteligência e transcendência, mas é também, e acima de tudo, corpo. Aí está o problema. O corpo humano, segundo Ezio Bazzo, é "*este troço de carências, ossos e fluídos*". O autor vai mais longe, afirmando que o corpo "é mais ou menos como um coágulo despencando ladeira abaixo, lançando sêmen e óvulos por todos os lados, numa tentativa desesperada de perpetuar-se e de vingar-se".

Nessa ânsia desesperada de sobreviver, perpetuar-se e vingar-se, fica uma coleção enorme de perversidades seculares de cunho sado-masoquista. Nas guerras, então, as diversões cruéis dos corpos chegam a absurdos e bizarrices inimagináveis, em que o infanticídio se faz presente. O escritor nos relembra que, em pleno século XX, a humanidade ficou estarrecida com o massacre de Sabra e Chatila, em que crianças palestinas foram degoladas ou empaladas. Não é à toa que o Estado brasileiro e, em particular, o Itamaraty, não autorizam acesso aos documentos secretos da Guerra do Paraguai. No apagar das luzes do governo FHC foi decretado, apesar de legalmente já se ter cumprido o prazo de carência, que permanecem secretos os documentos referentes à guerra acontecida há mais de 130 anos. Ezio Bazzo nos relembra os relatos de José Julio Chiavenatto em seu livro **Genocídio Americano: a guerra do Paraguai**. São relatos impressionantes acerca dos acontecimentos do dia 16 de agosto de 1869, quando foi massacrado um exército de 3.500 crianças paraguaias. Crianças de seis a oito anos agarravam-se às pernas dos soldados brasileiros e estes as degolavam impiedosamente. No Paraguai o 16 de agosto, por essa razão, é o Dia da Criança.

A criança é reverenciada, sim, pelo escritor Ezio Flavio Bazzo. Ele é um credenciado narrador das imposturas de um mundo pedófilo e infanticida. Este livro é obra de arte de um sarcasta irreverente que foi capaz de ir ao Museu do Prado, em Madri, para tentar descobrir o que se passava nas cabeças de pintores dos séculos XVI e XVII que, em seus quadros, davam tanto destaque aos "putti". Os putos, os garotos do lusitanismo popular, estão por demais presentes, sempre nus, nos quadros de Tiziano, Rafael, Del Sarto, Caliari, Gentileschi, e tantos outros. "*Um exagero de nus infantis e quase só meninos, de bundinha rechonchuda e cabelos cacheados*". Sem nenhuma certeza, mas com muita desconfiança, o escritor fez a visita peculiar ao Museu, apenas com uma curiosidade: a de "*saber se houve ou não malignidade, luxúria e malícia nos quadros e nos pincéis daquele tempo*".

Nessa visita de Ezio Bazzo ao Museu do Prado, certamente o Paraíso Terrestre, o Jardim das Delícias e o Inferno do Músico, o famoso tríptico de Hiéronymus Bosch, ainda estavam escondidos nos porões secretos do Museu, no atelier da Dra. Rocio D'Avila, para as restaurações que duraram mais de cinco anos. Neste estonteante e maravilhoso trabalho de Bosch, que foi contemporâneo de Tiziano e Rafael, encontramos milhares de personagens bizarros, mas nenhuma criança. Lá estão cenas de homens de quatro que recebem flores no ânus, um homem que ama um porco, um adulto nu com o corpo trespassado pelas cordas de uma harpa gigante, um flautista com a flauta doce enfiada no cú, mas não existem "puttis" nos quadros. Esse fato seria um indício para possíveis conclusões. Enquanto Rafael Sanzio, à época, trabalhava para o Papa Julio II, e enquanto Tiziano pintava sob encomenda do Duque de Ferrara, Bosch estava metido em confrarias secretas, confabulando contra a acumulação de riquezas produzida pelo mundo feudal. Ou seja, Bosch estava do lado dos trabalhadores livres.

Para tentar comparar montruosidades do passado com algumas daquelas outras do presente, Ezio dedica um capítulo do livro à tauromaquia. Vai a Sevilha e assiste uma tourada. Cenas abomináveis são cruamente descritas pelo escritor. Na arena, o homem faz uso da bestialidade a pretexto de acabar com o instinto bestial.

A bestialidade, contida no infanticídio, na pedofilia, na zoofilia e na gerontofilia, de que o autor trata, está sempre, ainda nos dias de hoje, a levantar suspeitas sobre os instintos ditos humanos. A fabricação de monstros está sempre presente, nunca se sabe se por obra e graça da própria natureza ou se da sociedade. Seguindo o curso da história, Bazzo passa dos pintores dos séculos XV e XVI, para as

SUA VOCAÇÃO INFANTICIDA

associações dos compra-crianças do século XVII. Lembra que o romance **O homem que ri**, de Victor Hugo, é inspirado na impressionante e inacreditável atividade, acobertada pelo Estado, que consistia em comprar crianças para deformá-las fisicamente. Após terem cortados seus narizes, rasgadas suas bocas, os rostos deformados a ferro em brasa, quebradas suas colunas vertebrais, as crianças eram vendidas às cortes, aos sultões e aos papas, para alimentar as atividades de saltimbancos e bobos da corte.

A crueldade humana para com as crianças vai chegar a um extremo no século XVII, quando a igreja proíbe mulheres de participar do coro. A solução é a castração de crianças, para que cresçam homens que farão as vozes agudas da polifonia coral. Ezio Bazzo nos leva a esse mundo masoquista e infanticida, com uma ironia e uma leveza ácida que surpreendem o leitor. Ezio não deixa por menos e clama: "*Que se danem os culhões e que se salve a arte! Devia ser a premissa escamoteada dos papas, dos bispos e dos regentes daquela época*".

Os castrati italianos existirão, por incrível que possa parecer, até o século XIX. Aqui Ocidente e Oriente se encontram culturalmente, porque os eunucos, os homens castrados, eram os guardas dos haréns.

Ezio Flavio Bazzo, apesar de toda a sua crueza e deboche narrativos, se revela um literato de primeira grandeza. Sua arte de escrever, conteudisticamente, ultrapassa a irreverência de muitos outros autores. Eu diria que ele coloca no chinelo, por exemplo, os poemas de Guerra Junqueiro, as peças teatrais de Qorpo Santo e os artigos de Léon Gambetta. O dedo em riste de Ezio está sempre apontado para o clero, mas também para o poeta, o livro sagrado, o fanático, o religioso, o toureiro, o comerciante, o industrial, o educador, o acadêmico, a família e o Estado.

Se ideológica e conteudisticamente o escritor é rico, formalmente ele vai até mais longe, com uma fineza e uma maestria que deleita qualquer leitor ávido de uma boa narração e de uma boa crônica. A pena de Ezio passeia encantada por paisagens, praças, hotéis, becos e situações impressionantes em Sevilha, Granada, Tanger, Marrocos, Katmandu e Paris.

Ao ver um menino sendo surrado pelo pai, numa cidade do Marrocos, Ezio Bazzo larga o formalismo para se abraçar desesperadamente, sem meias palavras, às suas convicções e suas dúvidas. Imediatamente ele se lembra das fantasias de flagelação estudadas por Freud. Durante a surra evidenciam-se o costume da criança às porradas e o prazer dos marroquinos que olham a cena. O mundo pedófilo e infanticida precisa ser salvo! Assim, o escritor chega até mesmo a interrogar a existência humana: "Goza aquele que está apanhando... goza aquele que está batendo… e gozam aqueles que assistem a tortura… P o r r a ! Mas se for assim… o que é o ser, além da mais pura e da mais legítima perversidade?"

JORGE ANTUNES é maestro, compositor, professor titular da UnB, Pesquisador do CNPq e Presidente da Sociedade Brasileira de Música Eletroacústica.

Publicado originalmente na revista **Espaço Acadêmico**, nº 37, junho de 2004.

Não deixe de ler:

A incrível história de Naldinho - um bandidão ou anjinho. Fernando Bonassi. Geração Editorial. A transformação de um menino de rua em bandido é contada em forma de poesia.

A laranja mecânica. Anthony Burgess. Ediouro. Jovens que não se adaptam às normas e leis impostas pela sociedade vivem um dia a dia de drogas e violência.

Chove sobre minha infância. Miguel Sanches Neto. Record. O autor fala de uma infância dura e pobre superada pelo amor aos livros.

Eu Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída... Kai Hermann e Horst Rieck. Bertrand. O franco depoimento de uma jovem acusada de envolvimento com drogas.

Infância. Graciliano Ramos. Record. Autobiografia do autor que se descreve como uma criança oprimida e humilhada, pois é um ser fraco diante de adultos mais fortes.

João e Maria. Jacob Grimm. Martins Fontes. Dois irmãos são abandonados na floresta por seus pais e acabam encontrando uma bruxa.

O abraço. Lygia Bojunga Nunes. Editora Agir. De maneira sutil e delicada a autora narra as conseqüências de um estupro em sua vítima.

O Ateneu. Raul Pompéia. L&PM. Um ataque ao repressor sistema educacional, representado pelo egocêntrico e autoritário dono de um colégio.

O diário de Anne Frank, Anne Frank, Record. Os relatos da jovem judia escondida do nazismo representa o horror que todas as guerras provocam às crianças em qualquer lugar do mundo.

Oliver Twist. Charles Dickens, Ediouro Na Londres do séc. XIX, um menor abandonado, é exposto a uma série de circunstâncias cruéis

Sobre meninos e lobos. Dennis Lehane, Companhia das Letras. Um crime cometido na periferia de Boston reúne três amigos vinte e cinco anos depois do traumático rapto de um deles.

A GENTE NÃO BRINCA EM SERVIÇO

Nas escolas que participam do nosso Programa, uma das formas de promover a leitura entre os alunos é transportá-las para o mundo mágico da literatura. Isso é feito através de contadores de histórias, recreadores, atores, apresentações de teatro, leituras dramatizadas e diversas outras atrações que enviamos para 261 escolas públicas participantes desse trabalho, além, é claro, do nosso ator principal: a biblioteca volante.

Todos os dias letivos do ano, quatro desses "caminhões da leitura" visitam escolas de 13 cidades que compõem a Bacia de Campos, no nordeste do Estado do Rio de Janeiro e emprestam 80 mil livros para toda a comunidade escolar.

Os professores dessas escolas recebem treinamento continuado e muita informação especializada para que a leitura na sala de aula não apague sorrisos como esses da foto.

É com essa bagagem que esperamos que os 203 mil alunos beneficiados por esse trabalho escrevam o futuro do nosso País.

Programa de Leitura da Petrobras – Bacia de Campos

Uma nova energia para a escola pública.

PROGRAMA DE LEITURA PETROBRAS Bacia de Campos

BR PETROBRAS